

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 632	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	15 DE JULHO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

A IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO A S. EM.^A O CARDEAL JACOBINI



SUA EMINENCIA O CARDEAL JACOBINI

(Copia de uma photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

Ha tempos, n'uma das chronicas por nós escriptas no Porto, referimo-nos á estatua de Santa Isabel, encomendada por S. M. a Rainha Sr.^a D. Amelia ao nosso grande esculptor Antonio Teixeira Lopes, a qual tivemos o gosto de admirar no atelier do artista, em Villa Nova de Gaia.

Foi um deslumbramento em Lisboa, quando o publico da capital teve ensejo para conhecer essa preciosissima joia artistica, e ao templo de S. Domingos, onde esteve exposta, correram pressurosos todos os que ainda se deixam seduzir pelos progressos da arte em Portugal.

Não voltaremos a descrever essa obra prima. Do entusiasmo de que demos prova em o nosso primeiro artigo sobre essa verdadeira maravilha da esculptura portugueza, de certo nos absolvirão todos os que, ha poucos dias, vimos perante ella extasiados no vastissimo corpo d'um dos maiores templos de Lisboa, agora pequeno para conter a multidão de curiosos. Abençoada curiosidade, infelizmente excepcional, tão justa entretanto.

Não houve discrepancia nas opiniões. O publico inteiro applaudiu o trabalho de Teixeira Lopes, todos os jornaes de Lisboa lhe fizeram justiça. Os nossos melhores artistas, — que os temos de primeira grandeza, sejam prova as criticas dos jornaes allemães sobre a exposição de Berlim — toram unanimes em applaudir a nova obra d'arte e a elles se juntou o povo com a sua linguagem pittoresca e exclamações de acceso entusiasmo. Uma ao acaso: — Caramba! Parece biba!

Mulheresinhas devotas, pouco lhe importando que a estatua ainda não houvesse recebido a benção que lhe permittiria a veneração dos fieis e a subida para o throno dos altares, ajoelhavam reverentes aos pés d'ella, tanto a imagem se lhes impunha pela attitude de rainha, pela expressão do olhar, pela dôr bondosa do sorriso.

E' com verdadeiro e commovido jubilo que damos conta d'aquelle exito enorme, talvez o maior que as bellas artes tenham provocado entre nós.

O artista foi aclamado por todos, viu lagrimas em muitos olhos, recebeu em publico os espontaneos agradecimentos d'uma rainha e ponde, escondido entre a turba anonyma, ouvir os mais rasgados elogios.

O povo de Coimbra seguiu no seu entusiasmo o exemplo que lhe deu o publico da capital. Foi, segundo os telegrammas, verdadeiramente triumphal este anno a procissão da Santa pelas ruas da cidade.

Antonio Teixeira Lopes, alma branca e coração d'oiro, soube interpretar a simplicidade ternissima e encantadora da lenda da Rainha Santa. Se um dos maiores prazeres dos que trabalham é vêr comprehendida a sua obra, como não deve ter voadado aquella alma, batido aquelle coração, vendo a criação d'elles ambos assim percebida e glorificada!

Bem haja a Senhora D. Amelia, que soube desencantar no modestissimo atelier e pô-lo na plena luz, a que ha muito tinha direito, o auctor d'essas gloriosissimas obras, que honrarão por muitos annos a esculptura portugueza.

Tambem não foram regateados elogios ao Sr. Albino Barbosa, que tão artisticamente comprehendeu qual a melhor forma de encarnar e pintar as roupas da imagem e que tão magistralmente o executou, que assumiu o direito de compartilhar da justissima ovação com que foi aclamado o seu cunhado e amigo.

A igreja de S. Domingos, pela sua vastidão e abundancia de luz, prestou-se perfeitamente para a exposição da estatua destinada a ser venerada n'um templo e que ali foi admirada com aquelle recolhimento e devoção, proprios do logar.

Essa exposição foi o grande caso dos ultimos dez dias e o motivo de todas as conversações. Não o foi das discussões, porque as não houve. Mas o assumpto despertára em todos vivo interesse e cada qual queria acrescentar ao que ouvia mais um ponto de exclamação.

Discutida, sim, embora fóra de proposito e de tempo, foi a partida para a ilha de S. Thomé das pobres mulheres do Gungunhana e do Zixaxá.

Sahiram a barra, ha poucos dias, acompanhadas pelo Gô, aquelle pretinho pequenino, cosinheiro do regulo, que tanta curiosidade despertou, quando, sózinho, sentado ao fundo da caleche descoberta, atravessou Lisboa em direcção ao forte de Monsanto. Ninguem sabia quem elle era, mas como tinha o olhar ativo de todos os vátuas, queriam os

melhores informados, ou que tentavam parecel-o, que fosse o herdeiro do Gungunhana, o filho primogenito da favorita. Um bicho de cosinha!... Pouco phisionomistas os taes bem informados!

As pobres pretas, outr'ora princezas, incertas da sorte dos maridos, lá embarcaram no S. Thomé e partiram assustadas a caminho do equador.

Forçoso é confessar que se usou com ellas de demasiada crueldade. Desde que inutilmente as trouxeram, parece que tão só para dar maior luzimento ao tristissimo cortejo d'um rei vencido atravessando as ruas d'uma cidade entre guardas municipaes e garotos malcreados, procurassem tratá-las por qualquer fóрма mais benigna do que dando-lhes a liberdade (!) na ilha de S. Thomé.

Ora ali fica um signal orthographico muito de nossa particular embirração, o ponto de admiração entre os parentheses; mas foi o melhor que veio a pello, nem sabemos como substituí-lo por maneira mais commoda e expressiva. A liberdade das pretas! Por quanto e de bom grado a não trocariam ellas pelas espessas muralhas e grossos ferros das enxovias de Monsanto!

Teria sido com certeza muito mais acertado tel-as dispensado de acompanhar á Europa seus negros e augustos maridos. Provavel seria que no sertão em que se achavam encontrassem mais breve consolação á sua inconsolavel viuvez. Mas dar-lhes os arvoredos da ilha de S. Thomé para refresco, as ruas da cidade para passeio e a liberdade de morrer de fome e de tristeza, quasi tão longe da patria como o estavam aqui, parece-nos em demasia barbaro, e muito mais agora, quando este calor asphyxiante lhes poderia talvez dar, n'aquelle alto da serra, uma illusão do centro d'Africa.

Muitos que de lá teem vindo queixam-se effectivamente de achar muito mais calor em Lisboa do que em pleno sertão. Nos thermometros acabaram-se as escalas, e, d'aqui a pouco, só com pirometros nos poderemos entender n'esta resistencia que as carnes humanas vão provando para o assado.

Não se vê senão gente a suar, a bufar, a limpar a testa, a abanar-se com o chapéo. Alguns já não falam; entram nas lojas, assopram e fazem gestos, não se sabe se de espanto, se de incommodo: d'uma e outra coisa. Outros confundem as gradações dos thermometros, lêem na escala de Farenheit e exclamam: — «Hontem, ao sol, cento e sete grãos!» E tudo acredita, tudo á espera que o Tejo comece a ferver, alguns já tomando o fumo do vapor de Cacilhas por um principio de ebulição.

N'este estado de coisas e com esta temperatura mais do que tropical, dois theatros apenas em Lisboa tentam reagir contra a preguiça nacional, chamando o publico aos seus espectaculos.

Uma grande parte dos actores portuguezes achase actualmente no Brazil e isso tambem explica a razão de tantos theatros fechados. Muitos continuam fazendo parte do grupo que d'aqui acompanhou Sousa Bastos, agora de regresso á patria, onde felizmente se vai restabelecendo da gravissima doença de que vinha soffrendo; outros estão com as companhias aqui organisadas por Amelia Vieira e Afonso Taveira.

Dois d'elles, e dos melhores, nos roubou, ha pouco, a morte: Portugal e Joaquim Silva, que d'aqui haviam partido com a companhia do theatro da Trindade e eram das suas principaes figuras.

Ambos haviam sido escripturados por Francisco Palha, que n'elles reconhecêra valiosissimas aptidões de que effectivamente deram provas. Foi vastissimo o repertorio d'ambos sobretudo o de Portugal, um bom tenor comico. Joaquim Silva era um dos queridos da platêa da Trindade e um bello actor de comedia.

Levou-os para longe a ambição e um bocadinho d'aquelle espirito aventureiro, que forma sempre uma parte do character de todo o artista. Deixaram-nos ambos profunda saudade.

Mas não só tristes nos vêm noticias de além-mar. O ultimo paquete trouxe-nos novas da estreia da companhia de Taveira no theatro Apollo do Rio de Janeiro, onde todos os actores e o maestro Cyriaco Cardoso foram acolhidos com o maior e justissimo entusiasmo.

Eram ali desconhecidos o actor Santinhos e as actrices Medina e Elvira Mendes. A todos elles tecem os jornaes os maiores elogios, aliás merecidissimos, pois que Santinhos é inexcedível de graça, Elvira possui talento, e Medina tem uma das mais bellas vozes que tenham cantado musica em portuguez.

Emquanto os actores portuguezes são assim recebidos na capital federal dos Estados Unidos do Brazil, esforçam-se os collegas, que antes quizeram arrostar com os fortissimos calores do nosso verão,

para chamar concorrência aos theatros da Trindade e D. Amelia.

E conseguem-o.

As duas companhias são boas; as melhores que era possivel organisarem-se: José Ricardo n'um d'elles com a Cinira como estrella, no outro o Valle com Lucinda do Carmo.

Na Trindade subirá muito brevemente á scena a peça de Eduardo Schwalbach, *Os Filhos do Capitão Mór*, com musica dos maestros Augusto Machado e Del Negro, peça abundante em boa graça, como todas as comedias do auctor do *Inimo*. No theatro D. Amelia deve hoje ser representada *A Mangerona*, traducção da *Marjolaine*, com musica de Lecocq, o maestro francez, que mais fama adquiriu na opera comica depois de Offenbach.

Até agora o que tem conseguido atrahir maior concorrência tem sido, no Colyseu, o animatographo, quadros de photographia animada, verdadeiro prodigio da sciencia e, na feira de Alcantara, o comilão de Almada, verdadeiro prodigio tambem, uma ressurreição de Pantagruel.

Este homem mette na cova d'um dente um jantar para vinte pessoas e bebe-lhe por cima dez litros de vinho e dois litros de vinagre.

Houve n'um regimento de Lisboa um tambor-mór assim.

Um dia um capitão do corpo apostou com diferentes officiaes d'outra arma, desconhecedores d'aquelle estomago milagroso, que o tambor-mór era capaz de comer um vitello. Feita a aposta, chamou-se o homem, que encoiheu os hombros.

— Nada mais simples!

Começou a refeição. Para a tornar mais facil foi-se-lhe dando o vitello em diferentes formas, um bocadinho assado, outro guisado, um bocadinho com cebolinhas, outro com batatas, os miolos com ovos, as mãosinhas com molho de tomates. Quando o vitello estava já quasi todo engolido, o tambor-mór desabotoou dois botões da fardeta, resfolegou, e disse:

— Bem! Agora pôde vir o vitello.

Julgava que tudo aquillo... eram aperitivos.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO DOS SRS. CONDES DE VALENÇAS EM CINTRA

Cintra, a pittoresca e deliciosa Cintra, estancia de poetas como Byron, que a cantou e não pouco concorreu para levar a sua fama a todo o mundo civilizado. A Cintra da Cruz Alta onde D. Manuel avistou as primeiras caravellas que voltavam da descoberta da India. A Cintra da Penha Verde onde veio acabar seus dias o famoso D. João de Castro, como recolhido monge em retirado ermiterio. A Cintra onde o rei D. Afonso vi veio espisar a fatalidade do Destino encerrado n'uma das salas dos Paços Reaes e viu ali alvorar o ultimo dia da sua vida. A Cintra de tantas recordações historicas, que seria longo enumerar, umas tristes, outras alegres, em que ora nos impressiona a tragedia, ora nos interessa o drama, foi sempre, como não podia deixar de o ser, o logar escolhido e apreciado pelos nossos reis, pela sua côrte, fidalguia e pessoas de bom gosto e fortuna, para estação de estio, ainda no tempo em que não se usavam as modernas *veligiaturas*.

Felizes então d'aquelles que tinham os seus palacios ou casas de campo em Cintra, n'aquelle pequeno paraíso, que o povo conhecia de nome, porque não lhe era facilmente accessivel pelo dispendioso da jornada.

O ir a Cintra, passar por lá o dia deliciando-se nas frescas e ensombradas quintas de regalo, entre as roseiras do Japão e os filagranados fetos a entremear os massicos de verdura; repousar á sombra de gigantescas arvores junto aos lagos ou ás fontes por onde corre agua finissima; alargar a vista pela serra e entresonhar, lá em cima, nas ameias do Castello dos Mouros, o ultimo dos abencerrages, passeando ao longo das muralhas, sentinella perdida de uma raça que se foi para longe, mas que deixou bem marcado ali o seu dominio volvidos que são seis seculos; admirar o phantastico palacio acastellado da Pena, no cume da serra a erguer suas torres e cupulas arrendadas, como que a sahirem dos vulcanicos rochedos, a topetar com as nuvens que todos os dias veem envolvê-lo, ávidas de o arrebatarem lá para as immensas al-

TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EVORA

(Continuação do numero antecedente)

turas; os encantos que só ali se podem gozar, não era para todos os mortaes.

Cintra era então um refugio onde se gosava socegradamente, longe do bulicio da cidade, sem importunos e sem caminho de ferro.

Podia-se ali viver por gosto alguns mezes do anno, os mais quentes, cada familia em sua casa, ou no hotel do Sant'Anna, o que valia o mesmo.

Passavam-se os dias em deliciosos passeios, ora á Peninha, á Penha Verde, á Varzea de Collares, á Situaes, a S. Pedro, onde se encontravam francas as quintas dos srs. marquezes de Vianna e de Vallada, ou ao Duche a gosar a frescura perenne d'aquelle logar, em que a agua nasce borbotando da areia e as arvores seculares se fecham em cerrada abobada, onde os passarinhos chilreiam e os doirados raios solares a custo penetram por entre a folhagem.

Pois foi n'este aprazível logar, onde se bifurcam as estradas que vão para a recente villa Estephania e para a velha fonte da Sabuga, que o bem conhecido e respeitado negociante da praça de Lisboa, sr. Antonio Lopes Ferreira dos Anjos mandou edificar o palacio, que faz o assumpto da nossa gravura, palacio magnifico que attesta o bom gosto do seu fundador e que é uma das melhores coisas que ha para ver em Cintra.

O sr. Anjos confiou o risco e direcção da obra ao notavel architecto italiano José Cinatti, mas não teve a satisfação de a ver concluida, porque a morte o arrebatou, em 31 de outubro de 1879, tendo principiado a edificação em 1877.

Este palacio, assim como toda a propriedade do Duche, deixou o sr. Anjos a sua filha, a ex.^{ma} sr.^a condessa de Valençães, ficando assim vinculado a esta casa.

Coube, portanto, aos srs. condes de Valençães o concluir esta principessa habitação, que interiormente estava ainda em reboco, para o que mandaram fazer os estuques e pinturas com apurado bom gosto, por artistas portuguezes, sendo as salas principaes decoradas em estylo renascença.

A vastidão do edificio, e o gosto com que está decorado, torna este palacio um dos mais para notar, quer em Cintra, quer em outro qualquer ponto do paiz, como habitação de campo na estação calmosa.

O CASTELLO DE ANGRA

PARA ONDE FOI DESTERRADO O REGULO GUNGUNHANA

Ha trezentos e vinte e sete annos, a 21 de junho de 1669, desembarcava na ilha Terceira o infeliz rei D. Affonso vi. que ia desterrado para o castello de Angra, onde esteve até 24 de agosto de 1674, em que voltou ao reino, para ir acabar os seus dias recluso nos paços reais de Cintra.

Aquelle castello, mandado construir no Monte Brazil, por Philippe II de Castella e primeiro de Portugal durante a usurpação hespanhola, serviu de prisão ao rei portuguez D. Affonso vi de triste memoria. Por uma coincidência que não deve passar despercebida, 327 annos depois com pequena differença de dias, é tambem conduzido ali prisioneiro para ficar desterrado, um rei não mais feliz do que aquelle, porque a sorte das armas lhe foi adversa, perdendo o seu reino e a sua liberdade, elle que era o maior potentado da Africa Austral, o invencível rei dos vatuas, o Mudagaz, que se cognominava Gungunhana, que na sua lingua se quer dizer invencível.

Então como agora, todo o povo da ilha correu, cheio de admiração e de curiosidade, a ver desembarcar um rei. Em 1663 foi uma esquadra que conduziu o desditoso desterrado, e um bregantim real o levou a terra; agora foi apenas uma corveta, a *Zambeze*, que transportou o prisioneiro. E lá foi caminhando até á fortaleza, entre a escolta de marinheiros que o guardava e o povo que o olhava admirado, meio andrajoso, descalço, de trouxa ás costas, humilhado, escorrendo suor, mas revelando ainda no olhar o orgulho e a altivez da sua raça. Por companheiros de desterro tem o seu filho Godide e o Molungo e Zixaxa. As mulheres que tinham vindo com estes prisioneiros, foram para a ilha de S. Thomé.

O castello de S. João Baptista, que primeiro se chamou de S. Filipe em razão do nome do seu fundador, é uma fortaleza de primeira ordem se se attender á sua vastidão e á natural defeza que offerece o monte escarpado onde está edificada, inacessível em quasi toda a volta, cercado de grandes fossos.

Os prisioneiros estão durante o dia alojados na caserna da 2.^a companhia do 2.^o batalhão de caçadores n.^o 10, tendo por homenagem a praça do castello. A noite, porém, são recolhidos no calabouço junto ao paiol, para estarem em mais segurança.

Tinha o convento, como diz a memoria, duas claustros. Uma existe ainda, posto que muito aruinada; da outra apenas restam alguns vestigios. Era esta ultima n'um espaço alastrado de ruínas, que hoje vemos entre o edificio e o muro que entesta com a rua que ha pouco tempo se abriu desde a porta lateral do passeio publico até á rua do Paço. Conserva-se de pé uma parte do lanço septentrional da velha claustro com dois ou tres grandes arcos de volta abatida, muito obstruidos e alterados com posteriores reconstrucções; e no meio do largo subsiste a velha cisterna, tão entulhada que já custa a conhecer. Uma parede que recentemente deu em terra do lado do poente deixou descoberto um abundante ossario.

A primeira claustro em breve seguirá esta na ruina que os homens, ainda mais que o tempo, lhe vão apressando. Em parte os arcos ogivaes deram já de si a ponto de desaprumarem a dobrada ordem de columnas de marmore em que se estribam. Foi construida no anno de Christo de 1376, como se lê n'uma lapida que d'alli trasladaram ha alguns annos para a bibliotheca publica: — D. Fernando Affonso de Moraes, cammendador de Montemor, mandou fazer esta crasta a frei João d'Alcobaça, custodio, e a fr. A.^o de Montemor, guardião, na grande fome em 1414.

Os caracteres gothicos minusculos, muito perfeitos e elegantes, d'esta inscripção formam um quadro, em cujo meio se vêem esculpidas as armas dos Moraes com a cruz da ordem de S. Thiago, á qual pertencia a commenda de Montemor. Talvez por difficuldade que se lhes deparasse nas abreviaturas, os chronistas da ordem e o padre Fialho deram só metade da inscripção, com quanto seja importante o facto da grande fome allí mencionada. Se foi particular do Alemejo ou geral do reino não o sabemos nós, nem temos noticia de nenhuma que se refira áquelle anno de 1376.

Outra pedra mais notavel e de maior valor artistico foi igualmente transferida do claustro de S. Francisco para a bibliotheca publica. É um marmore de 1.^m, 23 de largura, de 0.^m 94 de altura, e de 0.^m 23 de espessura, que representa em mais de meio relevo a Annunciação de Nossa Senhora. Na parte inferior lê-se em caracteres gothicos maiusculos o seguinte, que tambem temos por inédito: — «Aqui jaz Ruy Pires Alfageme, frade da terceira ordem. Era 420.»

As figuras são toscas, bem como todas as que nos ficaram da mesma epoca, ainda nos primeiros trabalhos d'este genero; mas o gracioso e bem acabado baldaquino que as cobre revela já o escopro que alguns annos depois abriu os delicadissimos ornatos da Batalha. O relevo do velho claustro é, pois, um dos mais interessantes monumentos da esculptura portugueza do seculo xiv.

Diz-nos o auctor da memoria qual era em seu tempo a importancia do convento:

«Tem esta casa dois refeitórios, um de peixe, outro de carne. Tem mais esta casa estudo, que é a melhor coisa que tem este reino; e estão aqui sempre os principaes mestres em theologia. Tem aposentos dos padres mestres e estudantes. ¹ Tem livreria, onde se acham todas as obras compridamente: Testamento velho e novo, e todas as suas cadeas. Esta casa chamava-se Convento de Ouro. Aqui vem toda a clerezia com suas cruzes, e todo o povo vespera de ramos, e nós todos em procissão, e seis padres com varas vermelhas e capas; e eramos por todos ás vezes oitenta; e trazendo os ramos a esta igreja aqui se benzem com gran-

¹ Acham-se aqui menos algumas linhas, cuja falta nos obriga a dar explicações, e nos proporciona ao mesmo tempo occasião de fazer certos reparos de hermeneutica ácorra do manuscrito. D'elle deram extractos os padres Esperança e Fialho, e transcreveram o padre Belem, mas com algumas mutilações. É uma d'estas a das linhas a que alludimos, as quaes se referem aos fundadores, e contém a prophacia de que se achavam os seus ossos.

Vimos a cópia que o guardião fr. Accursio de S. Pedro mandou lançar em 1645 no livro do tombo do convento, que se conserva no archivo do governo civil d'esta cidade. Cita fr. Jeronymo de Belem a mesma cópia, d'onde lhe extrahiram em Evora a noticia que publicou em 1750. De proposito supprimiram, pois, os frades a prophacia do achado dos ossos, manifesta interpolação (que até no estylo se conhece) com que pretenderam auctorisar o milagre os seus predecessores do seculo xvii.

Os ultimos factos mencionados na memoria são do reinado de D. João III. Por isso, pelo estylo, e porque no reinado de D. Manuel, que tanto beneficiou o convento, não havia já razão para que os frades se queixassem amargamente das régias extorsões, nos parece não se dever reputar este papel posterior aos principios do seculo xvi. Para o julgar dos fins do seculo precedente é mister suppor que as outras prophacias, que adiante veremos, não foram forçadas, mas escriptas á maneira de improphecões, e que por acaso se realisaram. É a velha memoria do livro do cõro o unico documento que nos resta para a historia antiga do convento, e portanto nos soccorreremos d'ella, como fizemos os chronistas. Applicar-lhe-hemos, porém, sempre que for mister, a escallpello da critica, do que elles não quiseram ou não souberam usar.

de solemnidade e prazer, e isso temos por privilegio como outras coisas.»

Durando ainda o seculo xiii, se tornaram os conventos de S. Francisco de observantes em claustros, por meio de dispensas e privilegios que lhes permittiram accumular riquezas, contra o primitivo espirito da ordem. Perdeu com esta mudança a austeridade monastica, mas ganhou muito a cultura das letras, que em todos os conventos do reino se promoveu com diligencia e ardor. E como das aulas que mantinham não recebessem estipendio, pouparam a despeza da cadeira de theologia na universidade a el-rei D. Diniz, que em estatuto determinou que os estudantes a aprendessem com os frades de S. Domingos e de S. Francisco. Vigorava ainda esta disposição quando pela segunda vez se trasladou a universidade para Coimbra.

Não era sómente nos conventos d'esta ultima cidade e de Lisboa que havia estudos regulares. No de Evora ensinavam-se, além da theologia especulativa e da moral, as humanidades, e davam-se, tanto aos de casa como aos de fóra que frequentavam as aulas, os graus de doutor, licenciado e bacharel. Costumava tambem a ordem mandar alguns filhos seus ás universidades estrangeiras para se aperfeiçoarem nas disciplinas que no reino haviam de professar.

Quando D. João III trasladou e reformou a universidade de D. Diniz, e o cardeal D. Henrique fundou a de Evora, pelos privilegios e augmentos que estas instituições obtiveram, começaram a decair os estudos seraphicos da altura a que antecederamente haviam chegado. Em Evora só a universidade podia ter aulas publicas. D'esta e outras prerogativas muito se queixavam os franciscanos, de toda a maneira desattendidos e avexados pelos jesuitas, que chegaram até a lhes tirar o logar, que de direito lhes pertencia, logo depois da ordem de S. Domingos, nos argumentos publicos da uiveridade.

Havia tambem n'outros conventos, como no de S. Francisco, o uso de prender os livros com cadeias ás estantes. Os estatutos da universidade de Evora ordenaram a este respeito o seguinte: — «Averá nas escolas hua casa para livreria da Universidade, na qual estarão livros de todas as facultades em abastancia, postos em estantes, e presos por cadeas, e enquadernados em tavoão, com seus titulos de boa letra. ¹

Lê-se mais adiante na memoria do livro do cõro: «Pousava D. Affonso v nos estáos, e porque sahia muitas vezes ao campo, pediu-nos os estudos para n'elles pousar, e nós lh'os demos com todas as casas dos mestres, por ser nosso rei e senhor; e elle como se viu de posse, e as casas tão boas, commetteu-nos que lhe dessemos aquelles aposentos, em que estava e nos faria a igreja; e nós todos com campa tangida lh'os outhorgamos, não nos parerendo que elle mais tomasse; e elle começou logo de fazer suas camaras e portas para a nossa casa, e cada dia pedia casas; assim que tomou bem ametade da casa, e depois ametade da horta; e depois os padres choravam pelas barbas, e reclamavam sem lhe aproveitarem, que para isso el-rei houve provisão de grande sacerdote, e por isso se foram d'aqui muitos padres...»

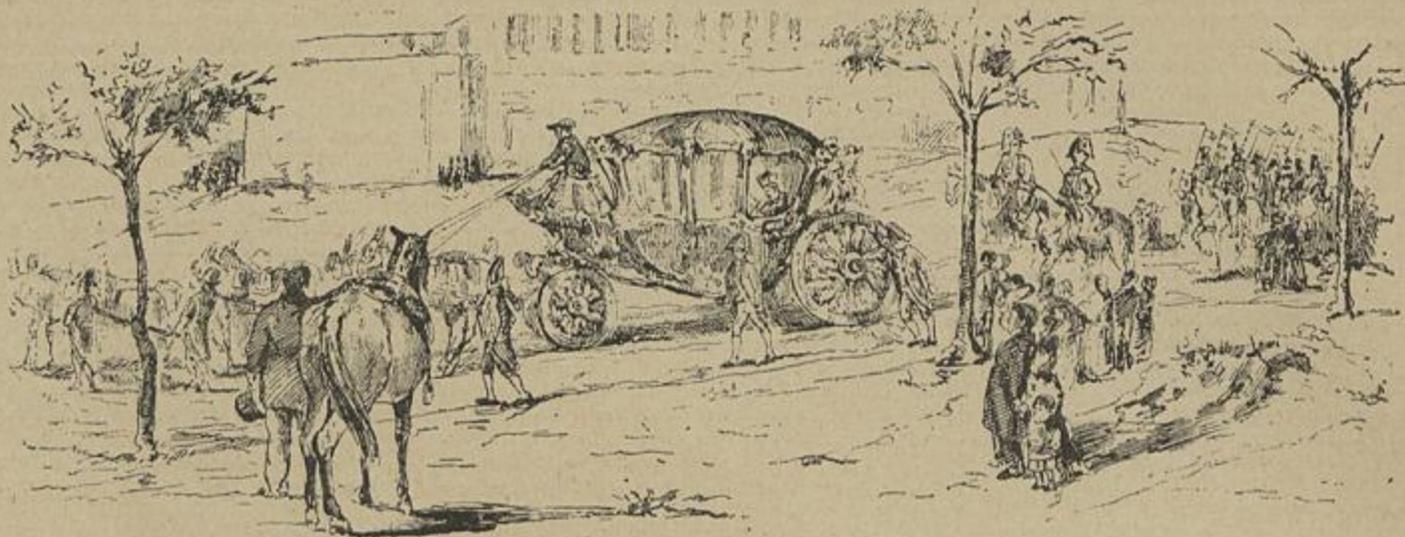
Os estáos ou paços reais eram na Praça de Evora, entre a rua da Cadeira e a rua dos Toiros, que ainda em 1500 se prolongava até á mesma praça, o que tudo mostrámos já n'outro artigo d'este jornal. Ficavam, portanto, proximos de S. Francisco e na mesma área que, segundo o velho manuscrito, o convento occupava. Não se reputará por esta razão impossivel que chamassem antigamente paços de S. Francisco aos estáos, como parece deprender-se das chronicas de Ruy de Pina e Duarte Nunes de Leão, a que alludimos no mencionado artigo.

D. Affonso v, fazendo em Evora mais longas residencias que os reis seus antecessores, e achando pequenas as casas da Praça, resolveu edificar novos paços no convento e horta dos franciscanos, o melhor sitio que para tal fim se lhe deparava em toda a cidade. Com o pretexto de sair facilmente ao campo, se hospedou na casa dos estudos e se foi apossando do que mais lhe convinha, embora deixasse os pobres frades a *chorar pelas barbas*.

Já vimos tambem que não é facil determinar o tempo em que principiarão estas régias invasões pelos dominios dos frades, o que só com alguma

¹ Não sabemos de outros estatutos da Universidade de Evora senão dos que se conservam, manuscritos em boa letra do seculo xvi, na bibliotheca d'esta cidade. Intitulam-se: Estatutos ordenados pelo Mui alto e excellentissimo príncipe, e Serenissimo Senhor D. Henrique por merce de Deus, e da Santa Igreja de Roma, Cardual Arcebispo por merce dos Santos 4 coronados, Iffante de Portugal, Legado e Arcebispo de Lisboa etc. para a Universidade que ordenou e fundou na cidade de Evora, da invocação do Espirito Santo com autoridade do Santo padre Paulo 4.

A IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO A SUA EMINENCIA O CARDEAL JACOBINI



COCHE DA CASA REAL CONDUZINDO SUA EMINENCIA O CARDEAL JACOBINI

probabilidade supozemos que seria pelos annos de 1471, depois das victorias de Arzilla e de Tanger.

Conclue, fianlmente, o nosso Jeremias franciscano :

CHEGADA DE S. EM.^a AO PAÇO DA AJUDA

«Morto este rei, ficou seu filho D. João II, e este acabou de nos tomar o mais e nos tirou a vista do Rocio, e nos poz no que agora vêdes ; e porem quem viver verá que os mortos, que isto deram a S. Francisco, hão de clamar e pedir justiça a Deus. N'este tempo tinha el-rei grandes fadigas de guerra e outras coisas que a seu tempo parecerão, que tambem n'estas casas, onde se liam as escripturas de Deus, se deu sentença de morte com que degoloram o duque de Bragança ; e agora querem



NAS SALAS DO PAÇO D'AJUDA

fazer festas, que se hão de tornar em pranto ; e quem viver verá. Dizem os padres velhos que cada rei que vier ha de tomar seu pouco, até que tomem toda a casa, não olhando que foi edificada com licença de S. Francisco e por seus companheiros santos, onde jazem tambem muitos letrados e homens santos, não entendendo os castigos e açoutes que lhes Deus dá.»

Tanto se alargou D. João II pelo convento, que, segundo affirma o padre Esperança, no aperto em poz os frades, até officinas lhes faltavam. Restituiu-lhes, porém, a fim de transformarem em enfermaria, uma casa que servia de relação.

Diz o auctor da memoria, que nos estudos, por onde D. Affonso V começára a apropriar-se do convento, se deu a sentença de morte do duque de Bragança. Diverge n'este ponto das chronicas contemporaneas, que são concordes em declarar que nos paços do conde de Olivença (onde é hoje a casa do duque de Cadaval) se hospedou el-rei, por serem melhores para o verão, e ahí foi sentenciado o infeliz duque.

As festas de que falla são as que se celebraram em Evora pelos desposorios do principe D. Affonso com a infanta de Castella em 1490; e os prantos que se seguiram tiveram por causa a morte desastrosa do mesmo principe em Santarem, oito mezes depois, no anno de 1491.

Obteve D. João II uma bulla de Alexandre VI, passada a 14 de abril de 1495, confirmando as anexações feitas, sob condição de compensar o convento com as obras mais uteis e necessarias, o que não chegou a cumprir, porque falleceu n'este mesmo anno de 1495.

Começando a reinar D. Manuel, achava-se reduzido á ultima extremidade, no material e na extensão, o convento de S. Francisco de Evora. Da grande casa que os frades antecedentemente haviam occupado não lhes restava mais que o templo em ruinas, a claustro e as edificações proximas, tambem em grande parte arruinadas. Da extensa horta, onde outr'ora podiam espaiar-se dilatados passeios, apenas conservavam um pequeno quintal junto da portaria, até onde se tinham alargado os jardins dos paços reaes. A mão poderosa dos monarchas de quasi tudo os privára para augmentar e engrandecer a sua residencia predilecta.

Cuidou, porém, o novo rei de melhorar o convento, reedificando o alludido templo, restituindo a cozinha antiga, que estava tambem annexada ao palacio, e fazendo o dormitorio com outras obras de necessidade. Conta-se que em certa occasião se queixaram os religiosos ao seu real edificador de lhes deixar mui pequenas as portas das cellas, e que elle, entrando n'uma, lhes respondera que por onde cabia um rei bem podia caber um frade.

Reedificou-se a igreja nos principios do seculo XVI. D'estas obras ficou uma curiosa memoria no foral que D. Manuel deu á cidade em 1501, e se guarda no archivo da camara. Tem no principio um desenho de côres, tosco e imperfeito, que representa a cidade n'aquella epoca, e por cima a seguinte epigraphe gothica : *Ebura colonia romana*. Ahí se vê a igreja antiga de S. Francisco, tendo as paredes incompletas com um guindaste a in-

dicar as obras que n'ella se faziam. O foral é tambem escripto de letra gothica em pergaminho com tarjas e illuminuras.

N'este mesmo reinado, tendo sido cento e oitenta e tres annos cabeça de custodia, se reformou o convento de Evora na regular observancia por bulla pontificia de 7 de julho de 1513. A carta em que D. Manuel o mandou entregar aos observantes foi passada em Lisboa a 22 de julho do dito anno, e apresentada no dia 29 do mesmo mez aos frades pelo licenciado João do Soiro, juiz da cidade, com a intimação de sairem do convento.

(Continúa)

A. Filippe Simões.



NO PATEO DO PAÇO DA AJUDA

CARDEAL JACOBINI

A IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO

O novo cardeal Jacobini, nuncio de Sua Santidade o Papa Leão XIII, em Lisboa, é por sem duvida um dos mais distinctos ornamentos que hoje conta o sacro collegio, pelas virtudes natas do seu



ARCHEIROS E MOÇOS DA ESTRIBEIRA

coração, pelos elevados dotes da sua alma, pela illustração do seu espirito formando um conjunto de perfeições que se impõe á consideração e respeito geral.

O Summo Pontifice elevando á dignidade de cardeal a Monsenhor Jacobini, reconheceu e premiou as superiores e apreciáveis qualidades que se reúnem no agraciado, e esse reconhecimento,

Roma no anno de 1834, e encontramos que ao terminar os seus estudos e tomar ordens sacras, foi logo aproveitada a sua aptidão e intelligencia na Congregação da Propaganda, como *minutante*.

Pio IX, que então occupava a cadeira de S. Pedro, elevou-o a secretario substituto dos Breves Pontificaes e depois Leão XIII a secretario da Congregação dos negocios extraordinarias, cargo de

actual cardeal Jacobini é um dos que mais se tem interessado em resolver-o por meio da união e do amor da caridade como a ensinou o Divino Mestre.

E' assim que procura tambem enraizar no coração da juventude aquelles são principios e funda para isso associações de Juventude Catholica.

Quem pessoalmente conhecer o illustre cardeal,



PALACIO DOS SRS. CONDES DE VALENÇAS, EM CINTRA

(Aquarella do sr. Casanova)

por parte de Leão XIII, a capacidade mais respeitável dos nossos tempos, tem tão grande significação, que syntetisa todo o elogio e reúne todos os louvores que se lhe possam tecer.

Vem de longe a fama de Monsenhor Jacobini, porque desde a escola até ás elevadas commissões de que tem sido encarregado, houve se sempre com rara intelligencia, inclinando se para o Bem e tendo sempre em vista o melhorar quanto em si podia o proletariado.

Vejamos em rapido volver d'olhos a vida do novo cardeal, que conta 62 annos, pois nasceu em

confiança do Papa. Sub-bibliothecario da Santa Egreja Romana e secretario da *Propaganda Fide*, deu provas evidentes da sua superior intelligencia e grande energia, no exercicio d'esta missão difficil.

Manifesta então toda a força e actividade do seu espirito, catechizando com a doutrina do Evangelho e pondo em pratica as suas idéas altruistas, fundando associações protectoras dos operarios, que sempre lhe tem merecido os maiores cuidados, interessando-se e trabalhando pelo seu desenvolvimento.

Se o socialismo é um problema a resolver, o

facilmente comprehenderá quanto é sincero todo este seu trabalho pelo Bem, porque facilmente reconhecerá que está diante de um homem bom, de um espirito activo e que tem para todos as mesmas attentões, o mesmo sorriso de bondade.

Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, desde 1891, fundou aqui as associações da Mocidade Catholica e a dos Operarios Catholicos Portuguezes.

Muito afeiçoado ao nosso paiz, a sociedade portugueza estima-o em geral e a sua missão em Portugal tem sido das mais uteis como diplomata e como ministro da religião.

Foi o consistorio de 22 de julho ultimo, que elevou Monsenhor Jacobini á dignidade de cardeal.

O sr. conde Pagani foi encarregado pelo Summo Pontífice de apresentar no palacio da Nunciatura de Lisboa o breve apostolico ao agraciado, realisando-se no dia 4 do corrente a cerimonia official da imposição do barrete cardinalicio, no paço da Ajuda.

Esta cerimonia teve lugar pela 1 hora da tarde e principiou por uma missa resada pelo sr. conde Almeida, na capella do palacio.

E' grande o apparatus d'esta solemnidade, uma das mais cerimoniaes da corte. O novo cardeal foi conduzido para a Ajuda em um dos coches mais ricos da casa real, acompanhado por Monsenhor Vico. A este coche seguiam-se mais dois conduzindo o sr. conde de Pagani e o abade Anaquim, secretario do ablegado e o ultimo com a comitiva do novo cardeal. Um esquadrão de lanceiros seguia os coches. Archeiros e moços de estribeira com os seus fardamentos vistosos, collocavam o vistoso cortejo, apresentando o atrio da Ajuda um aspecto de verdadeira festa na corte.

Aguardavam a chegada do novo cardeal, no atrio do palacio da Ajuda, os srs. marquez de Pomal, mestre-sala; duque de Loulé, estribeiro mór; duque de Palmella, comandante da guarda real dos archeiros; D. Luiz Lobo, porteiro da real camara; Gomes Santos, Moraes Carvalho e reposteiros. Seguiram todos para a capella, onde pouco depois chegaram suas magestades El Rei D. Carlos, rainha D. Amelia e D. Maria Pia e sua alteza o infante D. Affonso, os quaes, depois de assistirem á missa tomaram logar no throno levantado do lado direito da capella, principiando a cerimonia da entrega do barrete cardinalicio.

O barrete foi apresentado a El-Rei pelo ablegado do Papa, que fez o discurso do estylo, e sua magestade, tomando o barrete de purpura das mãos do ablegado collocou-o na cabeça do cardeal, que para esse fim ajoelhou deante do throno. El Rei leu um discurso que lhe foi apresentado pelo sr. ministro dos estrangeiros, e respondeu o nuncio de Sua Santidade, agradecendo.

Em seguida suas magestades e a corte passaram para as salas do palacio, onde receberam o novo cardeal e depois passaram á sala dos banquetes, onde foi servido um *lunch* de 80 talheres.

A esta solemnidade assistiu toda a corte e o corpo diplomatico.

Terminado o *lunch*, sua eminencia o cardeal Jacobini retirou para o palacio da nunciatura com o mesmo ceremonial e cortejo que o tinha acompanhado ao paço da Ajuda.

No dia 7 houve um banquete no palacio da nunciatura onde, tambem, em a noite de 8 do corrente, o illustre cardeal recebeu grande numero de pessoas que convidou e em que se contava tudo que ha de mais distincto na nossa primeira sociedade, clero, armada, exercito, letras e artes.

Foi uma recepção brilhante, em que sua eminencia foi inexcedivel em amabilidade e gentileza para os seus convidados.

D'aqui enviamos ao novo principe da Igreja as nossas mais respeitadas felicitações.

A.

PORTUGAL EM 1760

*Cartas Familiares
de José Barretti, traducidas do italiano.*

XX

Lisboa, 15 de setembro de 1760, á noite.

Fazia tenção, meus irmãos, de vos informar miudamente de tudo o que tenho sabido de tantos factos estupendos que n'estes ultimos tempos se deram em Portugal; de falar-vos extensamente do rei e da corte, de Sebastião José de Carvalho, de D. Luiz da Cunha, do cardeal patriarcha, do cardeal Acciajuoli, dos jesuitas, dos dois irmãos legitimados do rei, do duque de Aveiro, dos dois marquezes de Tavora e de Gouveia, de tantos nobres e ignobres portuguezes mandados executar ou encarcerados aqui n'estes tempos mais chegados, e de Monsenhor Parisoto, que encontrei cá transformado pela terceira vez; e fazia ainda tenção de vos referir as diversas opiniões e noticias que colhi em casa dos ministros de Inglaterra e da Hollanda, e de muitos inglezes e portuguezes e outras pessoas ácerca d'aquelles successos. Mas, como prevejo que não poderei contentar a todos

com estas communicações por-escrito, esperarei para vos dar parte, fraternalmente, das anedoctas singulares que tenho colligido aqui, quando me achar de tu por tu convosco. No entanto, vendo approximar-se a hora da minha partida, quiz empregar um dia inteiro em visitar attentamente esta metropole, isto é, a parte antiga que contém as ruínas, e as novas construídas para asylo dos que fugiram do terremoto, e que ficaram sem habitação. Das ruínas já vos disse o bastante para vos dar uma idéa, visto ser impossivel fazer por escrito um quadro de consternação tão grande como aquellas ruínas. Vê-se, porém, d'ellas claramente que a força do terremoto se concentrou, por assim dizer, n'uma linha do oriente para o occidente; e quem teve a desgraça de morar ou de achar-se ao comprimento d'aquella linha foi mais desventurado do que quem habitava ou estava longe d'ella, porque todos os edificios situados ao longo da mesma linha foram derrubados, e os que estavam afastados d'ella soffreram mais damno em consequencia do fogo que casualmente se ateou pelo desabamento e queda d'elles sobre os pavimentos de taboas e outras materias combustiveis que da furia d'aquelle turbilhão subterraneo, raio ou que diabo foi. Por esta razão acredito que o palacio real de Cintra foi pouco menos do que derrocado todo, e o de Mafra ficou de pé; e o mesmo digo de todos os palacios e de todos os edificios de Lisboa, e de outras cidades e logares d'este reino. Disseram-me que n'uma cidade marítima, não muito longe d'aqui o impeto dos abalos foi tão tremendo que não ficou pedra sobre pedra; e que as proprias arvores foram desarraigadas, e que grandes pedras, e até canhões, que estavam talvez ha lustros e seculos no fundo do mar por effeito de naufragio, foram arremessados para fóra da agua e arrojados á praia, occupando grande extensão d'ella, e os peixes appareceram mortos aos milhares ao longo da mesma praia, algumas embarcações de pesca e mercantes, e até um navio de guerra, foram expellidos do seu elemento e pelas aguas subitamente revoltas foram trazidos á praia, onde formaram uma grande curva, ficando em secco, espedaçados e desfeitos, cousas inacreditaveis, se milhares de pessoas o não assegurassem. Acabada, finalmente, aquella furia infernal, e tendo tornado a si estes habitantes aqui de Lisboa (porque só d'estes ora me quero occupar) resolveu-se construir, o melhor que era possivel, cabanas de madeira ou de panno, para escaparem ao rigor da estação que se tornara demasadamente fria e chuvosa. E pelo andar do tempo aquellas cabanas tornaram-se outras tantas casinholas, pela maior parte, de um pavimento só, e algumas com um só quarto, outras dois e quando muito com tres ou quatro. D'estas casinholas, a que chamam aqui *barracas*, bem podeis crer que ha presentemente uma quantidade mui difficil de contar, dispersas por toda a parte do paiz, para cima e para baixo; e da barraca em que habito, isto é, sobre uma elevada collina, como me parece que já vos disse chamada *Buenos-Ares*, proximo de um moinho de vento, a egual distancia de Lisboa e de Belem, posso ver quatro especies de cidades pequenas, todas quatro compostas d'estas barracas. O proprio rei tem a sua barraca em Belem, na qual habitará toda a sua familia emquanto se não edificar o novo palacio para as bandas do valle de Alcantara, o qual, embora já delineado pelos architectos, ainda não foi começado. Estão já reparados em parte os estragos dos edificios que escaparam até certo ponto ao terremoto e ao fogo; mas, quanto a esta cidade se reedificar como era d'antes, isto é, que se renovem as ruínas, e que depois se torne a edificar sobre ellas, não me parece que seja possivel levar-o a cabo, ainda que todos os portuguezes se fizessem pedreiros, e depois trabalhassem a esse fim durante cem annos, porque esta cidade era muito grande, e a julgar, tanto pelas ruínas como pelo que ficou de pé, era uma cidade solidamente construída, com pouca economia de pedra e de marmore. N'algumas poucas igrejas, que no todo ou em parte não foram a terra, vi alguns bellos altares, e entre outros um em S. Roque muitissimo bem imaginado e de grande valor; mas da igreja patriarchal que era, ao que dizem, uma cousa das maiores e mais magnificentes, digna em verdade da terceira capital da Europa, e cheia a abarrotar de paramentos e alfaias sobremaneira ricos e preciosos, nem um alfinete escapou; porque o fogo acabou o resto em poucas horas, depois que o ruir da abobada e das paredes esmagou todos os que estavam lá dentro, que passavam de mil, entre homens e mulheres. Mas não acabaria se quizesse contar as riquezas que em tantas e tantas igrejas pereceram n'aquelle dia, porque tambem não acabaria se fosse aqui referir quanto os portuguezes

são descomedidos em enriquecer as igrejas. E n'este logar desejo observar que quando se falou do grande incendio que devorou Lisboa no tempo do terremoto, correu voz em longes terras de que elle tinha aberto abyssos de fogo em Portugal; mas isto não é verdade, e não houve mais fogo nenhum senão aquelle que foi ateado casualmente pelas luzes das igrejas e pelos lumes que estavam fazendo o jantar do povo. Ao visitar as partes renovadas e as novas d'esta grande cidade, encontrei muitas das suas ruas em estado da maior immundicie; porque grande parte dos lisboenses teem tambem a bella prenda dos habitantes de Madrid, que deitam da janella abaixo os dejectos quotidianos. É certo que ha prohibições severissimas de tanta porcaria, mas as prohibições não se executam por si sós, e são ridiculas quando se não fazem cumprir. E, porque tanto a cidade antiga como as novas habitações estão assentes em terreno montuoso e muito desigual, é assaz desagradavel e fatigante andar para cima e para baixo por estas ruas más; só por uma vez quiz fazer tão longo caminho a pé para me poder metter em todos os cantos e ver tudo, apesar do ardor do sol que me fez alagar em suor; e satisfiz d'este modo o gosto de saber pouco mais ou menos como é feita Lisboa, e fiz tambem idéa sufficiente dos seus arredores e de Belem. Agora tenho visto Belem e Lisboa de muitos pontos do rio, donde tudo parece mais bello; e de muitos sitios em terra, donde tudo parece feio. Eu teria de boa vontade comprado uma carta geographica de Lisboa, e as vistas dos seus edificios principaes; mas os portuguezes não se cançam muito com as artes liberaes; e não se deleitam nada em multiplicar pela gravura as cousas raras que adornam o seu paiz, do qual não possuem sequer uma boa carta geographica. Não teem fama de ser muito amantes da litteratura; nem porventura o poderiam ser, ainda que o quizessem, por certas razões que ficam para as pessoas sagazes adivinharem. O pouco que escrevem, em prosa ou verso, é tudo obeso e empanurrado, como já notei. Não é, todavia, todo empanurrado e obeso um livro que tenho aqui sobre a mesa, impresso ha dez annos aqui em Lisboa; e intitulado *Instrucção de principiantes e novo methodo de se aprenderem as primeiras letras para uso das escolas, etc. Lisboa, anno MDCCCL*. Este livro foi escrito pelos mestres das aulas de Nossa Senhora das Necessidades, que são as aulas publicas onde esta mocidade é educada, e onde é necessario que quem quer estudar vá por vontade ou por força, não sendo aqui permitidas outras escolas, quer publicas quer particulares. É uma historiazinha muito mal feita dos reis de Portugal, que começa no conde D. Henrique de Borgonha, que vivia ahi por 1100, e vem descendo até ao soberano actual inclusivamente. Parte d'ella é em prosa corrente, e parte em dialogos, resumo d'aquella prosa, a qual se differença dos dialogos em ser cheia de epithetos altisonantes, de conceitos forçados e de pensamentos puerilissimos. Em quasi todas as paginas ha uma historia maravilhosa qualquer, que faria rir um cão de caça; nem é livro que possa servir de modo algum do mais pequeno auxilio para viver bem e regularmente, que é ou deve ser o escopo principal de todos os livros. Comtudo, os pobres rapazes são batidos sem piedade pelos taes mestres das *Necessidades*, se o não apprendem de cór; e chegam a fazer-me dó os dois miseros filhinhos do meu hospedeiro, que todo o dia estão dando tratos ao juizo para metter na cabeça todas essas inúteis bagatellas que elle contém, com a mira em poderem salvar suas desgraçadas mãos e suas desgraçadissimas costas dos cruéis castigos pedantescos. Para vos dar uma amostra da importancia d'este grande livro, que foi composto (diz o prologo) para servir de introdução á rhetorica, quero traduzir o seu ultimo dialogo, que *ad litteram* diz assim:

P. De quem é filho D. José I?

R. De el rei D. João V e da rainha D. Maria Anna de Austria.

P. Em que anno nasceu?

R. Em 1714.

P. Em que dia?

R. A 6 de junho.

P. Quando e por quem foi baptizado?

R. A 29 de agosto do mesmo anno, pelo cardeal da Cunha.

P. Com quem casou?

R. Sendo ainda principe do Brasil, casou com a serenissima infanta de Hespanha, D. Marianna Victoria.

P. Quem tratou esse casamento?

R. Antonio Guedes Pereira, sendo enviado á corte de Madrid.

P. Quem foi buscar com solemnidade a serenissima senhora infanta?

R. O marquez de Abrantes D. Rodrigo Eannes de Si.

P. Quando chegou esta senhora a Portugal?

R. A 19 de janeiro de 1729.

P. Quando entrou em Lisboa?

R. A 12 de fevereiro do mesmo anno.

P. Quando começou a reinar D. José I?

R. No ultimo de julho de 1750.

P. Quando foi aclamado?

R. A 7 de setembro do mesmo anno.

P. Quantos filhos tem?

R. Tem quatro filhas, que são a senhora princesa do Brasil D. Maria Francisca Izabel, a senhora infanta D. Maria Francisca, a senhora infanta D. Maria Anna Francisca Dorothea, e a senhora infanta D. Maria Francisca Benedicta.

E aqui termina o dialogo e o livro das *Instrucções aos principiantes* que deve servir de introdução á rhetorica. Vêde que bellos elementos de rhetorica estes; e se todas estas frivolas noções não são para se aprenderem mais com a mãe e com a ama do que com graves professores nas aulas publicas e régias. Apenas cheguei aqui informei-me se havia escola publica ou universidade, com o fim de procurar logo travar conhecimento com os seus homens de letras mais insignes. Falaram-me d'estas aulas das *Necessidades*, e por isso lhes mandei de presente uma bella carta de caracteres gregos antigos composta por um inglez doutissimo, ainda vivo, chamado Morton, de quem havia trazido, para o mesmo effeito, de Inglaterra outras copias, tendo-a acompanhado com uma carta minha ao superior das aulas, que veio com um seu companheiro agradecer-me a offerta á hospedaria. Imaginae se os não abarrotei a ambos de palavras cortezes, de complimentos e de profundissimos respeitos, que os obrigaram a ficar para jantar commigo, e por isso passei grande parte de um dia com elles, incitando-os sempre a falar. Mas comporia um livro mais ridiculo do que a vida do prior Arlotto quem quizesse, escrever as innumeraveis ineptias que me disseram com a mais pomposa solemnidade suas senhorias, as quaes tinham rompido muito bem o freio da lingua. Em troca da minha carta chirographica brindaram-me com o livro citado, do qual extrahi esse sabio dialogo, e recommendaram-me que o lesse attentamente, porque acharia que era obra prima de engenho, de linguagem, de erudição e de facundia. E estão servidos; li-o e traduzi apenas uma parte para esclarecer ainda mais a intelligencia dos meus irmãos. Pôde bem ser que algum outro professor das referidas aulas seja menos ignorante que aquellos bons homens, e que n'esta cidade haja gente estudiosa e douta; mas não pude ouvir nomear um só pelos muitos inglezes que ha aqui, e que, todavia, são na maior parte curiosos de conhecerem os homens mais notaveis dos paizes estrangeiros que visitam. Inglezes, francezes e italianos, todos á uma me dizem que não se estuda aqui cousa nenhuma de importancia, e que a maior parte d'esta gente não trata de nada, excepto de genealogia, de capotes, de mulheres, de boa vida, e de se verem cortejados pela outra gente. N'uma cidade, distante d'aqui sessenta ou setenta milhas, denominada Coimbra, está a grande universidade dos portuguezes, que me dizem ser o primeiro tomo das aulas das *Necessidades*. Tencionava lá ir para acabar de instruir-me sobre o summo saber lusitano; mas o sr. Eduardo pede-me que não caia n'outra, e que saia com elle de Portugal o mais depressa que pudermos; é isso o que eu quero, porque, se elle está farto, tambem eu o estou d'este sapientissimo paiz. Nos meus diferentes passeios por esta capital metti o nariz não lojas que me pareciam de artifices e fabricantes, e não topei uma só que não pertencesse a italiano, francez, allemão ou outro qualquer estrangeiro. Os portuguezes não sabem ao menos fazer uma roda de carro, e é muito fastidioso encontrar nas ruas de Lisboa ou em viagem os seus carros puxados a bois, que nos furam positivamente a cabeça, como o faria um furador ou uma verruma, com o agudissimo chiar das suas rodas, que se ouve a uma legua de distancia. E estes supersticiosos camponeses affirmam á gente que aquelle chiar afugenta o diabo, para não fazer mal ao carro e aos bois. Os carreiros hespanhoes teem uma opinião menos mal fundada do chiar dos seus carros, notada por Cervantes de Saavedra, no seu famoso *D. Quixote*, no qual, falando das rodas mal feitas e mal untadas dos carros, diz: *De cuyo chirrio aspero y continuado se dice que huyen los lobos y los osos*. Se esta crendice hespanhola não é baseada na experiencia, é o sobre a probabilidade, mas a dos portuguezes em que é que assenta? Uma cousa que surprehe de um estrangeiro, logo que chega aqui, é a grande quantidade de pretos de um e de outro sexo, que formigam a cada canto.

São miseros escravos trazidos de diversos pontos da Africa, e conduzidos, mau grado seu, ás colonias americanas ou ás ilhas dos Açores ou a outras partes sujeitas á coroa de Portugal. Em todos os tempos a soberba natural dos homens venceu a sua humanidade e os induziu a fazer, podendo, os outros homens escravos seus. E lemos nas historias que alguns entre outros antigos grandes do Capitolio possuíam cada um até cincoenta mil e ainda mais. Tão desmedida soberba nunca devia encontrar-se entre christãos; comtudo, se manifesta, e manifesta-se de modo cruelissimo nas regiões descobertas por elles n'estes ultimos seculos, cujos habitantes são feitos escravos dos seus irmãos em Christo, e forçados sem nenhuma misericordia a fatigar-se toda a sua vida para bem dos orgulhosos, prepotentes e injustos europeus. E este abuso iniquo tornou-se, finalmente, tão grande e tão universal que já não tem remedio na força e no saber humano. Mas este mundo é assim, e sempre assim foi; portanto deixem-o ir no futuro como quizer, e que a lei da violencia prevaleça sempre sobre a lei da equidade, pois um dia a justiça divina pesará os oppressores e os opprimidos na balança eterna, e cada um terá o que merece. Entretanto, estes pretos e estas pretas, quer transportados da Africa para Portugal, quer nascidos em Portugal de paes africanos, enchem este cantinho da Europa com uma especie de monstros humanos, appellidados mulattos, que são filhos, ou de um preto e de uma branca, ou de uma preta e de um branco; e estes monstros produzem depois mais, unindo-se, ou com outros europeus e europeas, ou com outros africanos, ou com outros individuos da sua cor mais ou menos mudada pelas diferentes misturas do sangue; de maneira que poucas são as familias portuguezas que possam conservar-se só europeas, pelo andar do tempo todas virão a abastardar-se, porque em todas entrará pouco ou muito sangue africano. Diz-se que Portugal abunda tambem muito em judeus mascarados, isto é, que toda a sua vida fingem ser christãos, e que em caso de necessidade se unirão a mulher christã, sendo homens, ou a marido christão, sendo mulheres; e na verdade extranhas physionomias se encontram aqui a cada passo; pelo que tambem isto deve apurar cada vez mais a fidalguia d'esta nobilissima nação, que se tem na conta da mais illustre e da mais digna de todas as nações. A plebe em Portugal tem talvez mais odio aos inglezes do que aos outros europeus; de sorte que odeia todos os povos da Europa, um por um, como ainda succede, geralmente, falando, com a arraia miúda de Genova, e como fazem ainda os judeus. Quando foi do terremoto de Lisboa, estava eu em Londres, como sabeis, e recordo-me de que a noticia de tão grande catastrophe encheu de maximo horror a mente dos inglezes, e logo, tanto entre os grandes como entre os pequenos, começou a dizer-se que a nação britannica devia ter logo mandado algum auxilio bom de viveres e dinheiro aos desditosos portuguezes, não só por humanidade como porque este reino era amigo e tambem util para elles. Esta atoadá foi crescendo com tal rapidez que o parlamento se reuniu logo, e logo foi decidido, *nemine contradicente* que a Inglaterra desse aos pobres de Portugal cem mil libras esterlinas, metade em dinheiro de contado e metade em comestiveis, e immediatamente se expediram ordens para Portsmouth, afim de que o dinheiro e os generos se embarcassem e partissem immediatamente em quatro navios de guerra. Vivam os meus magnanimos inglezes que desde o primeiro até o ultimo se congratularam com aquella prompta deliberação do seu parlamento! Este espirito universal de caridade n'aquelles insulanos me deu tão boa idéa d'elles que d'alli por deante nunca mais fiz caso de alguma palavra, encontrão ou outra grosseria, com que me tratasse o populacho nas ruas, tanto mais que observei um pesar universal quando se espalhou a nova do assassinio commettido pelo louco Damiens em Versailles, onde este enterrou uma faca no lado do rei, com o qual os inglezes tinham já dado começo á guerra desesperada que ainda dura. Mas, se elles usaram de tanta humanidade para com os portuguezes na sobredita conjunctura, e valeram ao seu urgentissimo aperto n'aquelle immenso desastre, pouco reconhecimento mostram por isso estes ingratos, os quaes, se encontram de noite nas ruas de Lisboa um inglez só ou mal acompanhado, não lh'a prégam só se não podem, favorecendo-os ainda em caso de necessidade com uma cutilada nas costas. Se não tivesse na lembrança o meu principiado apedrejamento no valle de Alcantara, não daria ouvidos a quem me conta factos d'esta ordem; mas, tendo sido testemunha em demasia da boa indole d'esta gente, forçoso me é acreditar e escrever aquillo

que creio. É melhor pôr termo a estas observações que fazem muito damno á corrupta natureza humana. Terminem-as dizendo ainda alguma cousa boa da plebe portugueza, que, se é ignorante e barbara por falta de creação, é todavia naturalmente devota de Nossa Senhora e dos Santos; nem se pode andar por estas ruas sem se verem muitos homens e muitas mulheres com o seu roزاری na mão; e a veneração que os portuguezes teem por todo o habito religioso é outrosim grandissima, porque encontrando frades no caminho, ou vendo-os apparecer em suas casas ou nas dos outros, logo correm com ar muito constricto a beijar-lhes a orla ou a manga do habito, maxime se são dominicos ou franciscanos; e muitos portuguezes, assim nobres como plebeus, quando morrem, querem ir para a cova vestidos de frades, comprando até por trinta e quarenta escudos um habito de qualquer frade de quem formam bom conceito, para lh'o vestirem, se morrerem de repente; nem ha talvez christãos no mundo que vão tanto ás igrejas como os portuguezes, nem que elles façam celebrar ou ouçam missas em abundancia, não sómente nos dias festivos como até nos dias de trabalho. Adeus.

Alberto Telles.

ODOARTE, O LEAL CAVALLEIRO

Romance... mui veridico

POR

H. KLEIN

(Continuado do numero antecedente)

Augusta fez firme tenção de trocar com o hospede o menor numero possivel de palavras. Ja que o papá se lembrára de o convidar sem primeiro a consultar, — elle que o aturasse e tivesse paciencia. Estava decidida a tratar o importuno com a mais soberana e gélida indiferença. Não tolerava que elle podesse gabar-se de ter fallado com ella em tom de escarneo.

Até á hora de jantar ninguém lhe tornou a pôr a vista em cima. A' meza, patenteou aos olhos do senhor João Johannisberg a mais completa impossibilidade, e, para lhe manifestar bem a sua absoluta indiferença, logo, á entrada do jantar, tomou a palavra, dirigindo-lhe a seguinte pergunta:

— Em que se occupa, senhor Johannisberg, se não é indiscreção?

— Eu? Actoalmente, ajudo meu pae na administração d'uma grande fabrica de anil, que elle tem nos arredores de Berlim.

Fabricante d'anil. Está visto!... Bem lhe parecia a ella que aquillo era homem para empregar o seu tempo em tingir algodão. Um sorriso de desdem veio brincar-lhe nos labios.

Não lhe escapou a elle o tal sorriso... e adivinhou-lhe o pensamento.

— O fabrico de anil, isto é, do indigo; disse, e entretanto, assas melindrado, suspendeu o movimento á colher; não é tão destituido de poesia, como poderia suppor, minha senhora. — Não ignora que o azul, a cor cerulea, é tambem a cor romantica. — Deve conhecer a flôr azul, symbolo do sexo amavel.

E d'alli, que poesia não ha no olhar fito de uns olhos azues, intensos, radiantes... e quanta, tambem, no elegante vestido de seda azul com que, no baile, uma peregrina beldade se deixa arrastar em vertiginosa valsa?

— Isso tudo, porem, o que vale; atalhou Augusta, resolvida a oppôr ironia á ironia. — Que poesia, por exemplo, não ha na caixa azul do zabumba, ruidoso interprete da alegria, em festa popular?

— Ou ainda, nas nodos e nos vergões azues, resquícios de vigorosas pauladas, entre elephantinos galãs d'aldeia trocadas depois do bailarico e das frequentes visitas á pipa enramada de viçoso loiro?

O bom do chanceler ria a bom rir. Minha filha, hoje, levantou-se de bom humor! — Não faça caso, que isto, em estando nos seus dias, é terrivel;... dá sota e az ao mais pintado!

O ironico motejador não pronunciou palavra — seria em resultado da observação do chanceler? — Não, com certeza... O seu olhar, n'este comenos, estava mas era pregado na porta, á qual apparecera... mais um prato. Fazia diligencias para adivinhar, de longe, o que elle continha... e á nossa Augusta, tão comica lhe pareceu esta anciosa

syndicancia, que só Deus sabe quanto lhe custou a conter uma gargalhada.—Ella não é de reserva!—O homem da fome canina, é, afinal irrisório...

—Oíço dizer, prorompeu o chanceller,—e entretanto depunha no prato do seu hospede uma alentada tainha, acto que o nosso homem recebeu com sorriso de sensível satisfação.—oíço dizer que a sua fabrica dá excellentes lucros.—É verdade, respondeu João Johannisberg—os lucros, felizmente, são bons. E comtudo, meu pae teve ideias de a fechar ou de a vender, porque, graças a Deus, já não precisamos; sobeja-nos o dinheiro, nem ambicionamos ajuntar mais cabedal—eu, porém, oppuz-me tenazmente a qualquer d'essas resoluções de meu pae, e a fabrica, portanto, continuou a funcionar.

—Demais a mais é avarento, avido, cubicoso... pensou, de si para si, Augusta. Que outra coisa, também, não havia a esperar d'esta alma de tenreiro!

E nos lábios lhe tornou de novo a apparecer o mesmo sorriso de escarneo. Modelo de equanimidade!—Oíçam e pasmem!—entrementes ia, com o garfo, separando as espinhas á tainha, dava-se ao encommodo de fitar, attento, a nossa heroína. Ainda d'esta vez, foi como se não desse pela significação do tal sorriso, pois disse:

—O meu intuito não é vir a dar em Crésó... mas o caso é que trabalham na fabrica para shi

a meia hora, dir-me-ha então!... E pelo que diz respeito á tal sentimentalidade, ou como quer que lhe chama—admittindo que a palavra designe sympathy para com as necessidades do proximo—confesso que sou sentimental.—Sentimentalismo, porém, do theor d'esse que muito boa gente confunde com o verdadeiro e legitimo sentimento; d'esse que, em presença, por exemplo, d'umas ruínas quaesquer, se expande em rhétorica— a esse tal, confesso que lhe sou extranho.

Era durinha a lição, e tão asperas e duras também as palavras, que a pobre Augusta emmudeceu.—Divisou, no olhar fito do seu interlocutor, expressão escarninha e a sua vontade, se podesse, era pregar com outra peça de porcelana, em bocadinhos, no chão,—mas, por fortuna, d'esta vez, a boa da Martha, mais acutelada, tinha-lhe posto fóra do alcance a loiça e a porcellana.

N'estas alturas, o chanceller dirigiu ao hospede uma pergunta indifferente, á qual este respondeu.

A conversação versava agora acerca dos recentes descobrimentos da chimica, applicados á tinturaria, assumpto de que a nossa heronia não percebia palavra. Comtudo, mesmo que assim não fóra, a donzella offendida pelas repetidas insinuações, inconvenientes e manifestamente acintosas, julgou que lhe cumpria manter silencio e, desde esse momento até ao fim do jantar, nunca mais descerrou os lábios.

Ergueram-se os dois convivas e dirigiram-se

rou com a vidraça—a crise attingira o seu auge. Deixou-se cahir no sophá, um soluçar convulso succudia-lhe o corpo todo e as lagrimas em torrente invadiam-lhe os olhos.

—O' Odoarte, Odoarte! Incauto! Ruim cavalheiro! Como é que tu desandaste em fabricante d'anil?..

(Continúa).

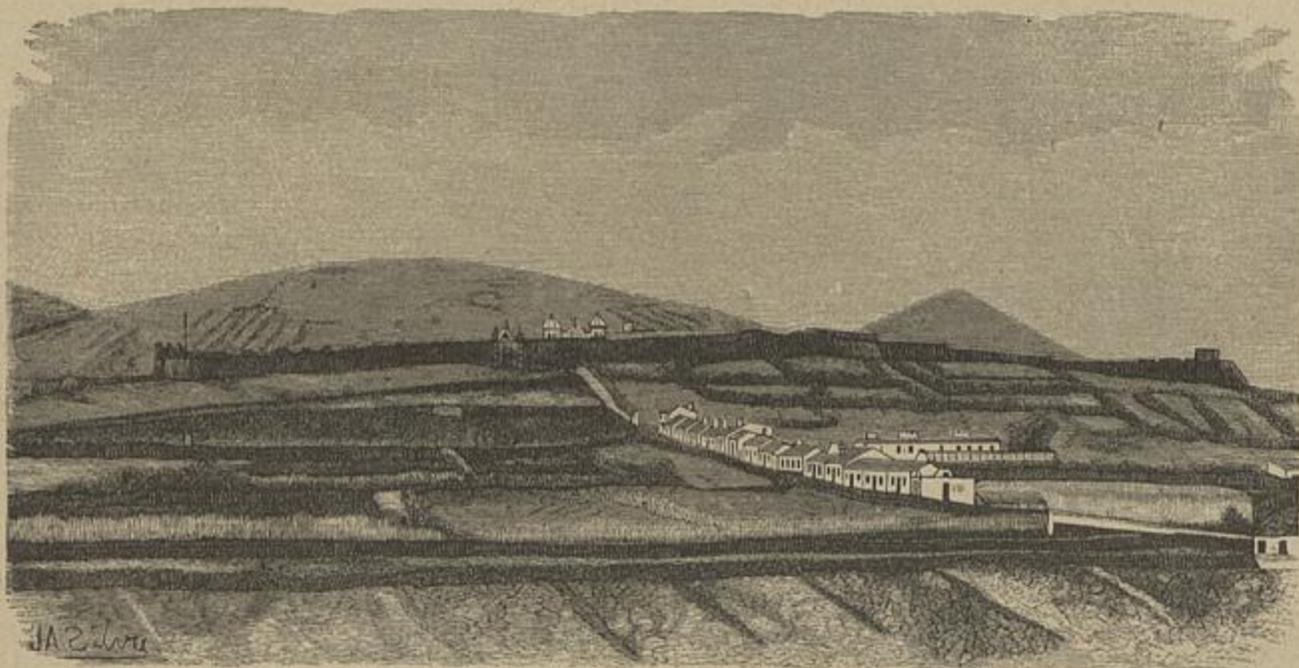
Pin-Sél (trad.)



Recebemos e agradecemos:

Le Monde Moderne, revue mensuelle illustrée.
— Juin et Juillet. — 1896. — A. Quartin, editeur.
Paris.

Cada vez mais curiosa e interessante esta selecta revista franceza. Entre os artigos, que nos presentes numeros mais nos agradaram, devemos especialisar um profusamente illustrado acerca do mel e das laboriosas abelhas; é devéras instructivo. Outro acerca do martello também é interessantissimo. O instrumento inicial de toda a indus-



O CASTELLO DE ANGRA, PARA ONDE FOI DESTERRADO O REGULO GUNGUNHANA

uns dozentos operarios e nada menos de cento e quarenta e duas creanças, filhas dos mesmos... Levantei os salarios, fundei uma caixa de soccorros, para garantir o futuro á nossa gente.—É muito possivel que as coisas corresse de modo muito differente, dado o caso que o estabelecimento fosse parar a outras mãos; e se fosse vendida, toda aquella pobre gente ficaria na miseria.—A actividade a mim não me custa, e por cá vou trabalhando, mais para outrem do que para mim proprio.

Ella, afinal, fóra para com elle injusta... injustissima, e córou.

Mas também, quem poderia adivinhar que este trága-tudo tivesse coração como a outra gente e não, apenas, estomago!—E se elle acaso imaginava confundil-a com aquella prova de generosidade, estava bem enganado, porque ella não depunha assim as armas, á primeira.

—Bravo! exclamou, rindo.

O senhor, pelo que oíço, tem inclinações em extremo sentimentaes; quem tal diria?—Renéga o culto de Mammon... de mais a mais.

—Quanto a isso, desculpe, mas está um tanto equivocada—disse elle, mal ou bem, com a boca cheia.

—Sei dar valor ao dinheiro! Os que andam á caça do dinheiro são seus escravos; aquelles, porém, que o possuem, são fortes e livres—e demais, com este appetite que aqui vê... minha senhora, imagine que grandissima calamidade não seria para mim a pobreza.—Olhe que nem sequer faz ideia do que é este appetite...

—Ora essa!

—Não proteste antes de tempo!—Verá, e d'aqui

para a varanda, a tomar café. Augusta, portanto, vendo que podia retirar-se, sem que isso houvesse de parecer mal, aproveitou a occasião e sahiu. Contra a sua expectativa, o hospede não procurou detê-la—ao contrario—quando a ouviu declarar que pretendia ausentar se, engatilhou o tal sorriso tão nosso conhecido.

Ria-se d'ella! Julgava-a anciosa por evitar a sua presença!...

Augusta, assim que se viu a sós, rasgou o lenço em bocadinhos. Chorava de raiva. Jamais se vir em estado de tanta excitação. Tinha odio, tinha rancor áquelle homem! Elle, até ali, levava a melhor, não ha duvida; julgava se, de ambos, o mais forte, era isso o que a desesperava! E possuía dotas de intelligencia, esse golotão prosaico. Perspicaz, penetrante lia lhe no rosto como em livro aberto; surpreendia-lhe as minimas impressões e, com aquelle irritante sorriso de móf., parecia adivinhar-lhe os pensamentos! Em que ficariam a conversar, elle e o papa?—Ora! em que havia de ser.—Discutiam motores, theares mechanicos, anilina, lã cardada e penteada... e outros assumptos interessantes!—E d'ahi, á janella do seu quarto deitava para a varanda; se tivesse muita vontade de o saber, bastava que se posesse a escutar a conversa e ouviria tudo, tim-tim por tim-tim.

—Costuma frequentar os theatros? perguntava o papá.

—Pouco; respondia o monstro. Os entre-actos, ás vezes, são assaz divertidos, mas, nos theatros de Berlim, fazem uns intervalos tão curtos...

Olhem para aquillo!—E a pobrezinha tremia... como se estivera a arder em febre.—Colerica, ati-

tria humana apparece em todas as suas variadas formas, conforme é requerido pelos trabalhos a que é applicado.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Volume illustrado com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Dividido em 6 partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações — O regresso — Epilogo

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis
Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Está publicado e á venda

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39